

## A CIRCULAÇÃO DE MATERIAIS DE HIGIENE E LIMPEZA EM ESCOLAS PRIMÁRIAS GAÚCHAS DOS SÉCULOS XIX E XX

**BARUM, Sylvia Tavares<sup>1</sup>; PERES, Eliane<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas; <sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Ensino. [sylvinhab@hotmail.com](mailto:sylvinhab@hotmail.com); [eteperes@gmail.com](mailto:eteperes@gmail.com).

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho<sup>1</sup> está vinculado ao grupo de pesquisa HISALES (História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares), que é ligado ao Programa de Pós-graduação em Educação da FaE/UFPel. O objetivo principal desse trabalho é analisar, a partir de documentos oficiais, quais materiais de higiene e limpeza faziam parte do cotidiano escolar das escolas primárias da capital gaúcha no período compreendido entre 1873 e 1919. Os documentos expressam a realidade de escolas de Porto Alegre, em especial das localidades de Arraial São João, Azenha, Casa Branca e Capão da Fumaça, Partenon e Ramiro Barcelos. A metodologia consistiu, primeiramente, no levantamento de documentos escolares do período compreendido entre 1870 e 1950, sendo que, para o caso do Rio Grande do Sul foram encontrados documentos a partir de 1873.

Para o trabalho aqui apresentado foi escolhido apenas um aspecto a ser tratado: os objetos de limpeza e higiene solicitados ou enviados às escolas no período referido. Embasam teoricamente este trabalho estudos de autores como Bastos e Stephanou (2005), Gondra (2002; 2003), Rocha (2003) e Stephanou (2006).

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Buscar elementos da cultura material escolar de um determinado local e época não é uma tarefa fácil. Consiste em um trabalho árduo de levantamento de dados, categorização e análise dos mesmos. Para o caso do Rio Grande do Sul, foi preciso um deslocamento até o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs), em Porto Alegre, por ser este um local com acervo importante de documentos oficiais referentes às escolas gaúchas do período em questão. No AHRs localizamos 22 “livros” – conjunto de cartas, pedidos, remessas, inventários, contratos, encadernados por período e tipo - que continham documentos os quais revelavam aspectos da cultura material escolar. Neles, foram encontrados registros da vida escolar do período compreendido entre 1873 e 1925. Para que fosse possível trabalhar com esse material para além dos momentos de pesquisa ao AHRs, foi adotada a estratégia da fotografia dos documentos para posterior transcrição e em algumas ocasiões, cópia dos documentos no momento da visita ao arquivo. Foram

---

<sup>1</sup> A investigação realizada que resultou na coleta desses dados fez parte de um projeto interinstitucional coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosa Fátima de Souza (UNESP – Araraquara) intitulado “Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870 – 1950)”. O grupo de trabalho 2 (G2) do referido projeto era composto por pesquisadores de cinco diferentes universidades: UFPel, UDESC, UFPR, USP, UFMA. Para o caso do Rio Grande do Sul, a responsável foi a professora Eliane Peres (FaE/UFPel), que compôs a equipe de trabalho.

copiados 270 documentos que atualmente compõem o acervo de documentos do grupo de pesquisa HISALES.

Depois de localizados os documentos que revelavam aspectos da cultura material escolar foram elaboradas tabelas que auxiliaram na categorização dos dados levantados para posterior análise. Nessas tabelas foram registrados primeiramente todos os materiais ligados a cultura material escolar em uma categorização que foi feita em conjunto pelos pesquisadores envolvidos na investigação, a saber: 1) mobília; 2) utensílios da escrita; 3) livros e revistas escolares; 4) materiais visuais, sonoros e táteis para o ensino; 5) organização/escrituração da escola; 6) prédios escolares; 7) material de higiene e material de limpeza; 8) trabalhos dos alunos; 9) indumentária; 10) ornamentos; 11) honrarias. Depois disso, essas tabelas foram reorganizadas para realizar a comparação entre os cinco estados brasileiros envolvidos na pesquisa (RS,SC,PR,SP,MA).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que este é um trabalho que se insere no campo da História da Cultura Material Escolar e da escolarização primária, não seria possível dar início a uma investigação como esta sem antes compreender o que é a cultura escolar. Segundo JULIA (2001), cultura escolar é:

O conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (p.10)

Ao trabalhar com listagens de materiais que circularam nas escolas primárias gaúchas do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, pode-se inferir sobre a cultura escolar do período em questão, mesmo que os documentos por si só não dêem conta de estabelecer as práticas realizadas, mas apontam para “indícios” (GINZBURG, 2007) das mesmas. No caso da análise dos materiais de higiene e limpeza seria possível deduzir que tantos pedidos desses materiais teriam razão de ser em função do discurso que visava tratar, a partir da escola, as questões de higiene da população, uma vez que a escola seria o local para garantir que se formassem cidadãos “limpos” e “livres de doenças e males”. Stephanou (2006) apresenta a importância que foi dada à relação entre educação e saúde no Brasil do final do século XIX:

No Brasil, pelo menos desde o final do século XIX, discutia-se que educação e saúde seriam as investidas mais importantes para ‘salvar o país’ do atraso, da degeneração, da catástrofe (p.34).

A idéia que começava a se difundir de “salvar o país” também a partir da escola, ligando-a a saúde e pela promoção de hábitos de higiene e limpeza, colocava a escola em um patamar importante nessa “luta”. A escola poderia, também, ser um espaço possível para a “cura e prevenção de doenças”, como enuncia Stephanou (2006): “curar implicava, necessariamente, instruir e educar, para prevenir e erradicar as doenças e a ignorância a que o povo estava condenado.” (p.34). A instrução vinha tanto nos manuais destinados para esse fim, quanto nas práticas difundidas pela escola que visavam “educar”, não só os alunos, como provocar uma mudança nos comportamentos das famílias. Nesse sentido, talvez, se explique os cuidados com a higiene e a limpeza na escola e que são

revelados através dos pedidos e inventários de materiais das escolas gaúchas, indicados na documentação com a qual trabalhamos. Além disso, é preciso considerar que esses pedidos e envios referem-se às escolas da capital do estado. Construir cidades limpas, asseadas, higiênicas foi um dos projetos sociais mais expressivos do século XIX e que necessariamente passava pelas escolas. Pesavento (1999) retrata a capital Porto Alegre da época em questão e a ligação que as “reformas” da cidade tinham com a higienização das pessoas em favor do progresso:

(...) ao longo dos 40 anos da chamada "República Velha" (1889-1930), [...] as preocupações com a modernização da cidade seguem também uma evolução gradual, constituindo uma questão recorrente: Porto Alegre se quer burguesa, bela, moderna, higiênica, ordenada... e branca (s/p.).

Alguns estudos trazem a tona essa “combinação” entre higiene e escola, como por exemplo, nos de Gondra (2002), que faz alusão à relação entre a escola e a higiene no Brasil, durante o século XIX:

Assim sendo, talvez fosse mais adequado, para uma interpretação densa da cultura escolar no Brasil oitocentista, considerar que a mesma convive e compete com uma cultura da higiene na escola (GONDRA, 2002, p.8).

Considerando o período contemplado pelos documentos (46 anos), e ainda, que a maior concentração de pedidos se deu entre os anos de 1873 e 1900, é possível inferir que as escolas primárias gaúchas em questão recebiam ou solicitavam esses materiais, procurando garantir um espaço higiênico, limpo e livre de doenças. Infelizmente, apenas de posse dos documentos analisados, não é possível “desenhar” a realidade das escolas em questão. Acredita-se que, seguindo movimento da época que colocava as escolas como local importante para se criar uma cultura que prezasse pela higiene, no intuito de prevenir e curar doenças, as escolas primárias gaúchas tivessem cuidados básicos, no que diz respeito à higiene e limpeza.

Considerando o aumento gradual de pedidos de materiais de higiene e limpeza, pode-se dizer que as escolas primárias gaúchas foram incorporando à sua cultura elementos para a formação de “novos e higienizados cidadãos”. Para além dos objetos encontrados, fica implícito que, seguindo as estruturas de ensino adotadas na época, as escolas em questão também tinham um currículo que buscava dar conta das questões de saúde e higiene, como exemplificam Bastos e Stephanou (2005):

As escolas foram se tornando espaços por excelência de identificação, conhecimento, controle e normalização da população infanto-juvenil, em práticas como as aulas de Higiene e ginástica, os Pelotões de Saúde, a inspeção médico-escolar, dentre outros. (p. 1).

Em um documento, no qual há registros das movimentações feitas entre o período de 1898 e 1903, foram enviados às escolas públicas da capital gaúcha, por exemplo, um total de 1272 canecas de ágata para água, 225 talhas para água e 681 urinóis, entre urinóis de ágata e de louça branca. Percebe-se, portanto, que era grande a preocupação em fornecer às escolas esse tipo de material, uma vez que para o período de seis anos, como no caso do documento usado como exemplificação, a circulação dos mesmos evidencia-se como tendo sido em grandes

quantidades. Para além disso, esse dado pode ser problematizado na direção de tentar compreender como e quais eram os usos desses materiais pelos sujeitos envolvidos no processo educacional no cotidiano da escola.

#### 4 CONCLUSÃO

Ao que tudo indica, as escolas primárias gaúchas estavam em sintonia com o movimento higienista do período em questão. A escola era um dos principais espaços de formação dos bons costumes de higiene. É possível inferir que a higiene e a limpeza tinham um lugar central na cultura escolar, considerando que os objetos com esse fim estão presentes em todos os documentos estudados.

Chama a atenção o fato de aparecerem 2050 pedidos de canecas de ágata, 808 pedidos de urinóis de louça e 275 pedidos de talha para água em um período de tempo relativamente curto, ou seja, 46 anos em que a documentação permitiu perceber. Ainda em uma análise do material encontrado, o fato de haverem registros de objetos em mal estado de conservação e uma considerável distância temporal entre esse registro e o registro de reposição do material leva a crer que, mesmo com o discurso higienista da época e com a preocupação em disponibilizar às escolas materiais para tal fim, a Instrução Pública gaúcha não dava conta de repor todos os objetos de higiene e limpeza das escolas que estivessem em mal estado, provocando provavelmente o uso de materiais que deveriam, na verdade, não serem adequados para utilização.

De qualquer forma, os elementos apresentados ao longo do texto permitem perceber que nas escolas das localidades de Arraial São João, Azenha, Casa Branca e Capão da Fumaça, Partenon e Ramiro Barcelos, todas de Porto Alegre, esse material circulava de forma expressiva, indicando para uma preocupação com a higiene dos alunos e a limpeza do espaço escolar.

#### 5 REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria. Infância, Higiene & Educação. In: **ANAIS DA 28ª REUNIÃO DA ANPed**. Caxambu, 2005. P.1 - 17.

GINZBURG, Carlo. Sinais – Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONDRA, José Gonçalves. Higiene e cultura escolar. In: **ANAIS DO II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**. Natal, 2002, p. 1 – 9

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de Educação** – tradução SOUZA, Gizele. Autores Associados: Campinas, 2001, nº 1, p. 9 – 43.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares malditos. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 19, n. 37, Sept. 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01881999000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881999000100010&lng=en&nrm=iso)

STEPHANOU, Maria. Discursos médicos, educação e ciência: escola e escolares sob exame. In: **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, 2006, v. 4, n. 1, p. 33 – 64.